

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Autora: Alzenir Silva Souza

Graduanda do Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CCAE
alzennir.s@gmail.com

Co-autora: Analice Alves Rodrigues

Graduanda do Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CCAE
analicealvesrodrigues@hotmail.com

Orientadora: Célia Regina Teixeira

Profa. Dra. Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CCAE
cel.teix54@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência enquanto estagiárias do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, localizada no Vale do Mamanguape. O intuito foi refletir acerca das práticas pedagógicas exercida por professoras da Escola Municipal de Ensino Fundamental Herman Lundgren situada no centro da cidade de Rio Tinto – Paraíba. O método de pesquisa foi qualitativo com cunho prático-teórico, que consiste em fazer o estudo do meio a partir da observação da prática docente e da postura discente de maneira a preparar futuros educadores para a atuação no ambiente escolar. Neste relato usaremos ESPIRITO SANTO (2002), FREIRE (1997), LIBANÊO (2003), como principais estudiosos da área educativa. Ao retratar nossa experiência, atrelando as nossas reflexões com os autores assinalados, concluímos que a prática docente é fundamental enquanto exercício para o desenvolvimento do aluno e para o bem caminhar sobre o cotidiano escolar, pois nos possibilita uma visão ampla da docência.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, prática docente, cotidiano escolar.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi executado durante o período de vivência do Estágio Supervisionado I, baseado nos estudos realizados durante a disciplina de Estágio Obrigatório e da disciplina de Organização e Prática do Ensino fundamentado em nossa primeira experiência em sala de aula. Tem como campo de estudo a Escola Municipal de Ensino Fundamental Herman Lundgren situada no centro da cidade de Rio Tinto – Pb, local que observamos e que exporemos a prática exercida por professoras do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano bem como, o posicionamento dos alunos em sala de aula.

Discutiremos durante este relato, a prática pedagógica dos docentes, frente as dificuldades encontradas no cotidiano escolar. Para tanto seguimos com o seguinte; quais são as problemáticas encontradas durante a nossa vivência, pois as vezes o que vemos na teoria difere das questões práticas observadas.

Realizamos uma série de estudos sobre as metodologias aplicadas em momentos presenciais de aula das turmas observadas, realizamos também um pequeno questionário com cada um dos professores das turmas em que fizemos as observações em nosso estágio. Nossas perguntas foram baseadas nos estudos realizados sobre a prática docente, assuntos esses devidamente incorporados em estudos presenciais na Universidade Federal da Paraíba, nos dando respaldo para nossa jornada de estágio.

No decorrer deste trabalho, iremos esclarecer sobre as práticas educativas mais observadas em nossa vivência de estágio na área da educação. Observamos o acolhimento que tivemos por parte dos envolvidos no campo da vivência de estágio, bem como com as perguntas por nós elaboradas e respostas dadas pelas professores que muito foram esclarecedoras para nós estagiarias do curso de Pedagogia.

Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar nossas vivências de observações de sala de aula do Ensino Fundamental – anos iniciais. Acreditamos que o estágio, assim como sistematizar esse momento de vivência por meio deste trabalho favorece a formação de pedagogos, pois a experiência de estar em sala de aula, observando as mais variadas metodologias, nos faz refletir sobre a realidade enfrentada e de como devemos superar as dificuldades e os desafios surgidos no caminho da prática docente e do cotidiano desses educadores.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi de método qualitativo com cunho prático e teórico, a qual consiste em preparação para a atuação no ambiente escolar. Para a elaboração deste relato, realizamos o estudo do meio a partir da observação da prática docente e discente, e da aplicação de questionários com as professoras buscando compreender o cotidiano escolar.

A pesquisa foi de grande importância para nossa formação enquanto graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia (UFPB/campus IV). E para isso, usaremos estudiosos que nortearam a pesquisa, uma vez que ESPÍRITO SANTO (2002) traz contribuições sobre os desafios para a formação do educador, FREIRE (1997) subsídios sobre a educação bancária e da prática de pensar o aluno através do contexto que este está inserido e LIBANÊO (2003) explica que o processo de formação do docente através da sua totalidade como ser humano é o

diferencial a ser considerados em sala de aula pelos docentes, sendo exemplos para educadores na superação de obstáculos do seu fazer cotidiano.

Para nossa pesquisa, optamos pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Herman Lundgren, localizada na Rua Tenente José de França S/N no centro da cidade de Rio Tinto – Pb, e ocorreu em *quatro momentos* distintos. No *primeiro momento* fomos até a escola para dialogar com a gestora e agendarmos nossas visitas com as professoras das turmas. O *segundo momento* aconteceu por meio de observação do cotidiano escolar das turmas do 1º ao 5º ano que ocorreu em cinco dias alternados durante o período da manhã. O *terceiro momento* conversamos com as professores e apresentamos dois questionários distintos, sendo um para as professoras titulares com 13 questões e outro para as professoras auxiliares dos alunos especiais com 9 questões afim de compreender a prática cotidiana dessas profissionais. Entretanto, optamos por detalhar as que iremos utilizar como eixos temáticos para esse relato e que serão delineadas no decorrer da discussão; no *quarto e último momento* retornamos para dialogar com a gestora e colher assinaturas referente a comprovação do comparecimento ao estágio.

Nossa intenção de falar acerca da prática pedagógica surgiu das observações em sala de aula. Contudo, o nosso interesse maior é sistematizar a nossa vivência com um olhar crítico frente a essas questões da prática docente, buscando compreendê-las. E para melhor entendimento do que sistematizaremos, organizamos a escrita por eixos temáticos sendo eles a relações entre professor e aluno, planejamento educacional, inclusão de criança com deficiência e laicidade, pois consideramos que muitas práticas referentes a essas questões precisam ser revistos e refletidos pelos educadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse espaço discutiremos algumas questões que englobarão: resultados de questionamentos, falas das professoras e outras observações feitas durante a nossa vivência de estágio. Trataremos de temas e situações mais frequentes que nos instigou a conhecer melhor a prática das professoras mediadoras do ensino e de como essas práticas podem enaltecer ou prejudicar o desenvolvimento dos alunos. Para (ESPIRITO SANTO, 2002, p. 43) “*Educar é despertar a profundidade do aprender de cada aluno*”. E neste sentido o professor precisa em seu fazer docente, concomitantemente, rever e reconfigurar suas práticas de sala de aula.

Formação do professor e o seu papel em sala de aula

Segundo LIBANÊO (2003) o professor deve assumir o papel de mediador, introduzindo significações da cultura, informação, conhecimento e da ciência, por meio de estratégias cognitivas. Nesta conjuntura faz-se necessário a adequação dos curso de formação de professores a essa realidade dos alunos e da sociedade. Apontando a emergência de um professor que consiga

[...] ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento do aluno, dos meios de comunicação. O novo professor precisaria, no mínimo de adquirir sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir em sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação habilidade de articular as aulas com as mídias e multimídias (LIBANÊO, 2003, p.28).

Ou seja, o perfil de um novo professor está relacionado a representação de uma nova educação. Diante disso, o educador deve adquirir formação qualificada para que desenvolva educandos competentes, críticos e éticos. E isso se consegue em curso de formação que contemple as habilidades assinaladas por Libanêo.

Nas turmas observados do 1º, 3º e 4º ano notamos a ausência de algumas das professoras auxiliares referente a dar assistência aos alunos especiais. No primeiro ano, a professora não possui curso superior, apenas o pedagógico, e acompanha dois alunos, sendo um com problema mental leve e o outro com *déficit* de atenção. Detectamos em nossa observação que não possuía planejamento de atividades individualizadas e especializadas para o desempenho dos alunos levando em consideração suas particularidades. Ficando somente no cuidado, sem atividades cognitivas.

No terceiro ano, tinha 2 alunos especiais, sendo um aluno com problemas mentais leves e outro altista, a professora auxiliar não possui nenhuma graduação para desempenhar essa função, entretanto demonstrava que estava atualizada sobre os métodos para desenvolver suas habilidades educacionais, como coordenação motora, o ensino das letras, a memorização, por meio da pintura, jogos, apresentação de figuras.

No quarto ano, a sala possuía dois alunos surdos e um aluno altista, em que igualmente a professora não possuía graduação e nem se preocupava em apresentar atividades diferenciadas aos alunos. A situação dos discentes é muito delicada, pois se sentem confusos com as atividades postas em sala e por isso, a dificuldade de acompanhar o ritmo da turma.

Ao considerarmos essas questões de acompanhamento de alunos com deficiências, afirmamos que o professor precisa se autoanalisar, refletir sobre sua formação enquanto professor. “*Ora um educador, de forma particular, que não sabe quem é, será sempre cego conduzindo cegos*” (ESPIRITO SANTO, 2002, p.135). Diante da realidade vivenciada nas salas do 1º, 3º e 4º ano com as professoras auxiliares para a educação especial, notamos uma grande lacuna no que se diz respeito a capacitação dos docentes, causando um retrocesso no desenvolvimento dos alunos que precisam de um acompanhamento específico. Observamos que somente uma das professoras tem preocupação em adquirir novos saberes, mais que esses novos saberes são procurados por ela, sem uma política pública específica de formação de professores.

Família e escola

Durante a observação na sala do primeiro ano, a professora nos relatou sobre a relação família e escola, se queixando quanto aos comportamentos disciplinares dos alunos que iam para a escola com um *déficit* de educação familiar. *Hoje em dia está até difícil de se criar filho, a família não pode educar mais os filhos, porque o Conselho Tutelar não deixa, os direitos humanos interferem na criação dos pais. Os filhos intimidam os pais dizendo que vão denuncia-los ao Conselho Tutelar, tirando a moral dos pais (Relato da professora do 1º ano da Escola Municipal Herman Lundgren)*. Mesmo tendo a consciência dessas questões relatadas pela professora, há emergência em ajustar o que o aluno traz de casa com o que a escola ensina. ESPIRITO SANTO afirma que “*É preciso, ao menos, tentar estabelecer uma coerência entre os valores trazidos pela criança e aqueles que a criança aprende em casa*” (2002, p.95).

No questionário aplicado com todas as professoras, tinha a seguinte pergunta: Como a família acompanha o que é realizado na escola? E nos deparamos com diferentes respostas que nos levam a pensar sobre a importância do tripé professor-aluno-responsáveis. A professora do primeiro ano responde, que os pais só participam quando há reunião. A do segundo ano, que a família apoia no que for preciso. O terceiro ano, no mínimo possível. No quarto ano, a maioria dos pais deixam muito a desejar. Com isso, percebemos que as atividades de casa na maioria das turmas não eram realizadas, causando também desmotivação das professoras que elaboravam os exercícios de fixação do abordado em sala de aula e não eram respondidos.

Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade constitui-se da interação dos conteúdos das disciplinas com diversas áreas de conhecimento. E possibilita a formação do conhecimento crítico-reflexivo, que precisa ser mais valorizado no ensino e no aprendizado, desprendendo dos moldes da educação tradicional, proporcionando participação e diálogo com a turma, relacionando o tema com a realidade (Libanê, 2002).

Com exceção do segundo e terceiro ano, observamos que as demais professoras trabalhavam os conteúdos separadamente, cada disciplina com seus dias e horários distintos. A dinâmica roteirizada na maioria das turmas é iniciar a aula com correção da atividade de casa e depois o estudo da disciplina específica. Na sala do segundo e terceiro ano, encontramos algumas práticas de interdisciplinaridade como um método de ensino aprendizagem. Espírito Santo (2002) afirma que:

De fato, na medida em que a visão de unidade ou de uma interligação de toda a Vida conhecida se torna patente, não poderia a educação permanecer apartada do restante ou tratar seus conteúdos de forma cindida (2002, p.119).

Em nossa observação vimos que o tema proposto em sala é abordado de forma mais ampla, podendo abranger outras áreas temáticas, levando mais conhecimentos para o aluno. Neste contexto pode-se relacionar assuntos do cotidiano do aluno e suas vivências, como foi na sala do segundo e terceiro ano. Com isso, a aula torna-se mais atrativa, despertando o interesse dos alunos e sua maior participação.

Afetividade

No cotidiano escolar abrange também a dimensão afetuosa entre professor e aluno. O professor cria laços afetivos com o aluno, que demonstra pelas emoções, carinho e afeto que são sentimentos, tanto para existir nos ambientes escolares, quanto nos ambientes familiares. Todavia, a ausência da afetividade pode e muito interferir na obtenção de conhecimentos. Certamente, é muito importante para o discente considerar o professor como um amigo, que irá favorecer diretamente no ensino e na aprendizagem, no qual estabelece regras e condutas. O que importa na formação do docente é a compreensão dos sentimentos, emoções, desejos, superação da insegurança (Freire, 2007). A fala de uma das professoras demonstra isso, quando ela afirma que:

Guardo todas as cartinhas dadas pelos alunos desde que comecei a ensinar, tenho uma caixa cheia de bilhetes em casa dada por eles, e no dia que morrer vou levar todos esses bilhetes dentro do caixão.

(Relato de uma professora sobre sua relação com os alunos)

Indisciplina

Nas turmas observadas aconteceram vários momentos em que as professoras paravam a aula para chamar a atenção de alunos que estavam desatentos e por isso atrapalhavam. De acordo com Espírito Santo (2002), a primeira vertente da indisciplina é a necessidade de *chamar atenção*. É exatamente o ato de chamar atenção que acontecia nas salas do 1º, 2º, 4º e 5º ano, as professoras reclamavam gritando como um método de repreender e impor moral diante da turma, deixando o aluno humilhado, mas satisfeito por conseguir toda atenção para ele. Espírito Santo (2002) faz uma observação sobre a postura do educador diante desses acontecimentos quando destaca que *“Qualquer dessas atitudes não costuma resolver a postura indisciplinada do aluno. Ao contrário, a tendência é, muitas vezes agravar-se o quadro comportamental do aluno”* (2002, p.84). E insiste que *“[...] a ação do educador será olhar e ouvir”* (ESPÍRITO SANTO, 2002, p.85).

Neste contexto, o professor deve ter sensibilidade de saber ouvir o aluno para fazer com que este reflita sobre suas atitudes. E considerar que por trás das manifestações de indisciplina há oculta muitas vezes o pedido de amparo, em que o aluno carece de ser ouvido ou precisa desabafar sobre algo. Vivenciamos nas salas, a professora revidando a atitude do aluno causando conseqüentemente, um clima de disputa entre quem pode mais. Espírito Santo (2002) persiste dizendo que a energia do educador com uma postura de silêncio diante de um ato de indisciplina do aluno, é o início de uma mudança que servirá de exemplo para a classe.

Laicidade

Em nosso estágio observamos que em todas as salas, as professoras iniciam com o “Pai nosso” e/ou “Santo Anjo”, orações essas pertencentes a igreja católica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação aponta no Art. 33 que:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (BRASIL, 1997).

Portanto, tendo em vista que o Brasil é um País laico e a escola lida com uma diversidade de povos e religiões, essas práticas pedagógicas de cunho religioso, e exclusivamente católica, deveriam ser repensadas. E neste contexto a escola poderia ampliar o estudo para todas as religiões ou ensinar ações que envolve as questões éticas, uma vez que estão em todas as religiões.

CONCLUSÃO

Concluimos que o trabalho ao ser construído nos proporcionou refletirmos criticamente sobre as práticas pedagógicas no cotidiano escolar, e por meio desta reflexão, percebemos o quão é importante saber lidar com os mais diversos obstáculos no processo de ensino e aprendizagem. Na experiência vivenciada em nosso Estágio Supervisionado I lidamos com as diversas práticas educativas, que nos fizeram perceber a limitação dos docentes no que se refere a obedecer a individualidade de cada aluno. Essas vivências além da sala de aula, nos propiciou uma visão ampla da docência, principalmente no que se refere a realidade dos ambientes escolares.

Cabe ressaltar ainda que as questões expostas são reflexões vivenciadas na prática, na condição de estudantes estagiárias do curso de Licenciatura em Pedagogia (UFPB/Campus IV), e que esse estudo faz pequenos recortes provisórios do estágio e que novos estudos demandam sobre a temática, pois somente assim aprenderemos a lidar com crianças nos mais diversos contextos e níveis, pois isso envolve uma grande complexidade e vivenciar isso em momentos de estágio oportuniza maior robustez em nossa formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Acesso em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

ESPIRITO SANTO. Ruy Cezar. **Desafios na formação do educador**: retomando o ato de educar. São Paulo: Papirus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a pratica educativa. 21.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

